

VOZES (IN)FAMES – SIMPÓSIO AT157

A REPRESENTAÇÃO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE EM “CAPITÃES DA AREIA”, DE JORGE AMADO E “CAPÃO PECADO”, DE FERRÉZ,

BENJAMIM, Suelem M.
Universidade do Estado do Amazonas - UEA
subenjamim@gmail.com

Resumo: A representação dos excluídos tem sido problemática na literatura brasileira. As literaturas de resistência e mais atualmente a marginal confrontam esse panorama representando o permanente diálogo entre a obra literária e a sociedade. O objetivo aqui é avaliar a representação da criança/adolescente socialmente vulnerável, em duas obras publicadas em épocas diferentes: “Capitães da Areia” (1937), de Jorge Amado, e “Capão Pecado” (2000), de Ferréz. Apesar de o tema alcançar cada vez mais força nas pautas sociais, verifica-se a pouca incidência desses personagens na literatura, salientando que uma minoria ocupa a posição de protagonista nas narrativas, justificando assim essa pesquisa, que se utiliza do método bibliográfico de investigação, explorando as referências teóricas já publicadas e analisadas e ainda conteúdos virtuais. São bases teóricas principais: Dalcastagnè (2012); Bosi (2002, 1995), Stegagno-Picchio (2004), Foucault (2014). Ambas as obras foram reconhecidas como vozes da sociedade brasileira de sua época, expressões da vulnerabilidade de crianças e adolescentes. A literatura “do real” que faz da ficção arma de resistência e denúncia, pretende que sua voz seja ouvida e reconhecida, ecoando como uma bofetada, como um grito contra o sistema. Observamos que essa literatura de resistência/denúncia é uma resposta dada à história e à cultura para a questão da desigualdade social; são vozes marginais que se inserem na literatura, como ficção e testemunho.

Palavras-chave: crianças, adolescentes, literatura, Jorge Amado, Ferréz.

Abstract: The representation of the excluded has been problematic in Brazilian literature. The literatures of resistance and more currently the marginal confront this panorama representing the permanent dialogue between the literary work and the society. The objective here is to evaluate the representation of the socially vulnerable child / adolescent in two works published at different times: "Captains of the Sand" (1937) by Jorge Amado and "Capão Pecado" (2000) by Ferréz. In spite of the fact that the subject reaches more and more force in the social patterns, it is verified the low incidence of these characters in the literature, emphasizing that a minority occupies the position of protagonist in the narratives, thus justifying this research, that uses the bibliographic method of investigation, exploring the theoretical references already published and analyzed and still virtual contents. The main theoretical bases are: Dalcastagnè

(2012); Bosi (2002, 1995), Stegagno-Picchio (2004), Foucault (2014). Both works were recognized as voices of the Brazilian society of their time, expressions of the vulnerability of children and adolescents. The "real" literature that makes fiction a weapon of resistance and denunciation, intends its voice to be heard and recognized, echoing like a slap, like a cry against the system. We note that this literature of resistance / denunciation is a response given to history and culture to the question of social inequality; are marginal voices that are inserted in literature, as fiction and testimony.

Keywords: children, adolescents, literature, Jorge Amado, Ferréz.

Introdução

A sociedade testemunha a triste realidade das crianças e adolescentes em situação de rua. Mas interrogamos: como pode alguém “ser de rua”? Essa reflexão nos proporcionou um olhar diferenciado para essa parcela da população. E aqui estamos refletindo sobre problemática, a partir da literatura.

Dalcastagnè (2012,166) observa que a incidência de personagens crianças e adolescentes ainda é pequena, traçando um mapa das ausências a partir das narrativas pesquisadas: pertencentes à infância 7,9% são do sexo masculino e 6,4% do sexo feminino. E nota-se que uma minoria ocupa a posição de protagonista nas narrativas. Trata-se de um número ainda tímido, diante de um assunto que alcança, cada vez mais, força nas pautas sociais.

Há, no entanto, narrativas que rompem certas barreiras, “Capitães da Areia”, de Jorge Amado, e “Capão Pecado”, de Ferréz, tematizam a criança e o adolescente vulnerável. O primeiro, publicado em 1937, relata as aventuras e desventuras de crianças e adolescentes em situação de rua, na Salvador dos anos 30. Proibido e queimado em praça pública pela ditadura, a narrativa rompe com o olhar excludente com o qual a sociedade observa os “meninos de rua”. Sessenta e três anos depois, Ferréz publica “Capão Pecado”, retratando a periferia da grande capital e do capital, numa narrativa que tem muito de autobiográfica, voltando-se para a população entregue à própria sorte, crianças e adolescentes sem alternativas são cooptados pelo crime, sem possibilidade de superação das muralhas sociais.

Pretendemos compreender, assim, quais os espaços concedidos à criança e ao adolescente nessas narrativas, em que aspectos se aproximam ou

distanciam, o que as torna diferentes e iguais. O trabalho deve muito à proposta comparatista dos estudos literários.

1. Dos autores e das obras

A literatura brasileira identifica o escritor baiano, Jorge Amado, com movimento de 30, propondo novos valores, após o “estouro” modernista/experimentalista de 22, com intenções políticas e sociais. Militante de esquerda, preso, exilado, eleito deputado pelo PCB – Partido Comunista Brasileiro, Amado compõe o quadro da literatura de resistência do período.

Se Jorge Amado e suas obras possui uma significativa fortuna crítica nos compêndios mais tradicionais de literatura brasileira, encontramos poucas referências a Ferréz e sua obra “Capão Pecado”. Sobre o autor temos que recorrer aos meios alternativos, como blogs, artigos e páginas na internet. Ferréz nasceu Reginaldo Ferreira da Silva, em São Paulo, nas “quebradas” de Valo Velho. Na adolescência, a família se transfere para o Capão Redondo, bairro da zona sul de São Paulo. Criou seu pseudônimo da união de Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião (FERRE) e Zumbi (Z). Aluno nada exemplar era considerado desatento, mas mantinha boas notas.

Os autores russos, entre eles Máximo Gorki, assim com o roteirista de quadrinhos Garth Ennis são suas referências declaradas. O seu primeiro livro foi de poesia, “Paraíso da Desilusão”, de 1997. Além de poeta e romancista, Ferréz edita a revista Literatura Marginal, que contempla autores da periferia, tendo sido roteirista de programas de televisão.

2. Das polifonias

Uma peculiaridade do procedimento das duas narrativas é a polifonia definida pela interação de vozes no espaço romanesco, vozes independentes e imiscíveis que representam as peculiaridades do universo representado. Sentido objetivo, no caso de “Capitães da Areia” e subjetivo, na narrativa de Ferréz.

Em “Capitães da Areia”, como prólogo da narrativa, o narrador ficcionaliza um jornal e sua seção de cartas à redação para manifestar as vozes sociais acerca do problema dos meninos de rua. Segue-se um conjunto de seis cartas que mencionam as atividades das crianças e adolescentes e pedem providências às autoridades competentes. O sensacionalismo dá o tom das notícias. O olhar sobre elas é preconceituoso, impedindo qualquer reação de solidariedade às crianças de rua. O problema social dos infantes é tratado como caso de polícia e a carta do diretor do reformatório, referindo-se à instituição como o melhor dos mundos, enquadram-se na pedagogia do controle dos corpos das crianças vulneráveis, assim como a própria imprensa se ajusta ao contexto político de controle de massas.

Ferréz lança mão de outras estratégias polifônicas. Nos dois elementos paratextuais do livro, a nota do autor e o posfácio, o escritor dirige-se ao leitor em e a alguns particularmente interessados ou participantes da construção da “ficção da realidade”, como o autor classifica sua narrativa. As outras vozes se expressam através de manifestos, que interferem no percurso narrativo, para expressar a posição de grupos ou pessoas. No primeiro, intitulado +1 AKIM, Ratão fala em nome dos “guerreiros” da 1DASUL, organização não governamental por ele fundada, juntamente com Ferréz. Depois, tem-se um manifesto não assinado “Outraversão”, seguido de dois outros assinados por Negrodo “Talvez seja melhor seguir a honestidade” e Garrett “C.R. campo de guerra da nova era”. Todos os manifestos são marcados pela oralidade, como, de resto, toda narrativa.

Os procedimentos polifônicos, jornal e manifestos, ainda que diferentes, transformam os narradores em regentes de um grande coro de vozes que participa do diálogo social, ao permitir que se manifestem de maneira autônoma, revelando as contradições de cada época.

3. Dos espaços e grupos sociais

Na narrativa de Amado, temos a representação de um grupo de meninos que se intitulam “capitães da areia”, uma espécie de alusão ao território

ocupado por eles, próximo ao mar. O seu espaço é um trapiche abandonado. A idade dos participantes oscila entre oito e dezesseis anos, sendo que meninas não são aceitas. Há um código a ser seguido por quem queira participar do grupo: a permanência só é aceita até a idade de dezesseis anos; alcançada essa idade, o integrante é obrigado a deixar a convivência dos colegas.

A convivência em grupo é marcada pela solidariedade; o fruto das atividades criminosas é investido para manter as necessidades do grupo. A propriedade individual é autorizada pelo líder ou pela maioria. A liderança de um dos meninos mantém a harmonia; nada é decidido sem que o líder seja sabedor dos fatos. Socialmente estigmatizados, dependem de sua própria organização para sobreviver e se confrontar com a vida urbana.

Em “Capão Pecado”, temos a representação da vida em comunidade, que compartilha da miséria econômico-cultural. Os diversos espaços são precários, há regras para sobrevivência nas ruas e evitar a violência que os rodeia. As casas viram prisões familiares e muitos personagens se valem das drogas, para “viajar e andar” em terras mais felizes.

O conceito tradicional de família não tem validade nas narrativas. As personagens infanto-juvenis de “Capitães da Areia” são, na maioria órfãs ou vêm de famílias desfaceladas. Entretanto, muitos expressam o desejo de ter uma família, sonham com a figura materna.

Os personagens adolescentes de “Capão Pecado” têm, ou pelo menos, moram com as suas famílias destroçadas pelas mazelas sociais. A renda insuficiente das famílias leva os filhos a trabalharem para complementar a renda. Os que não trabalham são cooptados pelo crime organizado, servindo o ganho para alimentar o vício de drogas.

4. Da religiosidade e da morte

Jorge Amado, adepto das crenças de vertente africana, sofreu com as investidas da polícia aos terreiros de candomblé. Em um momento do romance a polícia apreende a imagem do Orixá Ogum, o que, teria deixado o orixá extremamente ofendido, vingando-se com uma epidemia de varíola. Os

“Capitães da Areia” frequentam os “terreiros”, eles são também os responsáveis pelo resgate da imagem de Ogum da delegacia. O catolicismo também é representado pelo Padre José, na sua vertente mais progressista, que se aproxima dos meninos para tentar ajudá-los.

O tema religioso em “Capão Pecado” não tem a mesma riqueza da narrativa jorgiana. Estamos diante da religiosidade fraturada, marcada pelo desgaste das religiões hegemônicas, e pela ascensão da religião de mercado. A esperança para os jovens é a cultura periférica, como o Hip Hop. Além disso, na voz narrativa e nos manifestos, constata-se uma crítica às atividades da igreja protestante e o mercado da fé.

O motivo das mortes em “Capitães da Areia” está presente próximo ao fim da narrativa. Dos treze personagens infanto-juvenis apenas três morrem: uma vítima de varíola, a morte de Dora é folhetinesca: morre de febre amorosa. A morte mais dramática é o suicídio de Sem-Pernas, perseguido pelos policiais, que odiava, prefere a morte a ser novamente preso e torturado.

No romance de Ferréz a morte ronda o espaço de toda a narrativa, treze personagens morrem de maneira violenta, em circunstâncias brutais: por encomenda de traficantes, em conflito com a polícia ou em chacinas.

5. Do desfecho

O narrador de “Capitães da Areia” é empenhado, colocando-se ao lado dos personagens infanto-juvenis. Desse modo, o desfecho da narrativa é cheio de esperança em relação ao futuro, sobretudo o do protagonista, Pedro Bala. Através da construção do herói, que se transforma de menino abandonado em líder sindical, experimentando um lento amadurecimento em direção à consciência política, temos a utopia socialista que fundamenta o romance.

Ferréz constrói um narrador heterodiegético que testemunha o cotidiano de um personagem, Rael, e os acontecimentos de Capão Redondo, de forma objetiva. Apesar de diferente das personagens, é vítima da violência do lugar onde vive: se torna um criminoso, ao executar o patrão com quem sua mulher tinha um relacionamento; preso, é assassinado na cela com uma caneta no

ouvido. Para os personagens de *Capão Pecado*, não há saída nem redenção: é a morte ou bandidagem. O narrador pretende na verdade chocar, ao evocar a realidade bruta.

A partir dos desfechos, percebemos dois projetos narrativos diferentes: o de Jorge Amado ligado às correntes de esquerda dos anos 30 que se opunham à ditadura Vargas e Ferréz que elabora sua obra na sociedade de massa, tempo em que, como afirma Dalcastagnè (2012,75), “perdemos a ingenuidade diante da ciência e passamos a nos indagar a quem e a que servem suas teorias. Plenamente cômicos do comprometimento ideológico de todo e qualquer discurso, não há mais como dialogar com o mundo sem desconfiança”, nem refugiar-se na imparcialidade. Temos no autor um projeto narrativo empenhado em mostrar, retratar sem idealizações.

6. Conclusão

Nosso trabalho pretendeu compreender o espaço pertencente à criança e ao adolescente na obra ficcional da literatura.

A estratégia comparatista dos estudos literários proporcionou a objetividade necessária para a leitura das obras, destacando antes de tudo os personagens, protagonistas das narrativas, figurações da realidade nas duas obras, em busca de identidade e diferença entre elas, além de seus valores.

“Capitães da Areia” e “Capão Pecado” estão separados por mais de sessenta anos, mas seus textos dialogam, ao abordar tema relevante para sociedade brasileira e ao denunciar, cada um a seu modo, a evolução de um problema não resolvido: a vulnerabilidade social de crianças e adolescente.

Durante boa parte da história do Brasil, as crianças foram esquecidas como sujeitos de direitos e como protagonistas da ficção. Em “Capitães da Areia”, há uma crítica severa sobre omissão e a maneira como o Estado e a sociedade tratam da situação dos “meninos de rua”. Eles são vistos como uma praga que “infesta” a cidade de Salvador. Reformatórios são ambientes insalubres, mas, para as autoridades da época, a única solução a ser aplicada.

Mesmo em “Capão Pecado”, ambientado na década de 90, quando já havia homologação do Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA, predominam antigos paradigmas. A instituição da Polícia Militar é mais uma mão repressiva que protetiva. A literatura “do real” é representada cruelmente por Ferréz, que faz da ficção arma de resistência e denúncia, sem se preocupar com paradigmas literários, mas pretendendo que sua voz seja ouvida e reconhecida; sua voz ecoa como uma bofetada, como um grito contra o sistema.

Observamos então que essa literatura de resistência/denúncia feita por Ferréz e Amado é uma reposta dada à história, no tempo de cada autor, para a Os progressos nos anos que separam as obras são mais legais que reais.

A literatura é ficção, mas também testemunha das mudanças e uma forma de registro de cada época ou problema social; assim leva a sua voz e sua mensagem à humanidade.

Referências

BOSI, Alfredo. **Literatura e Resistência**. São Paulo, Companhia das Letras, 2003.

BRASIL. Lei nº8.069, **Estatuto da Criança e do Adolescente – Eca**, 13 de julho de 1990.

DALCASTEGNÉ, Regina. **Literatura Brasileira Contemporânea – um território contestado**. Vinhedo, Editora Horizonte, 2012.

FERRÉZ. **Capão Pecado**. São Paulo, Editora Planeta, 2013.

FOUCAULT, Michel. **A Microfísica do Poder**. São Paulo, Graal, 2003.
_____. **Vigiar e Punir – nascimento da prisão**. Rio de Janeiro, Vozes, 2014.